

Mind the Gap, por Gonçalo Curado

Thomas P.M. Barnett, *The Pentagon's New Map: War and Peace in the Twenty-First Century*, Berkley Books, 2004, 427 pp.
ISBN 0425202399

A implosão assistida soviética e o fim da Guerra Fria deixou o sistema internacional unipolar entregue a uma hegemonia americana “por consentimento”, a ser proficuamente interpretada pelos vários quadrantes teóricos. O original optimismo de Francis Fukuyama¹ assegurava uma nova ordem global entre a perenidade histórica liberal e Samuel Huntington² advogava a supressão do eixo confrontacional ideológico por um civilizacional. Enquanto fóruns teóricos informais como o New American Century antecipavam pragmaticamente a sustentabilidade da nova hegemonia americana, a resposta oficial do Departamento de Defesa passava pela prudência resguardada e desprovida de contextualização visionária. “A grande estratégia seria...evitar grandes estratégias” segundo Thomas P.M. Barnett, *scholar* “futurologista” do Center for Naval Analyses e da multinacional Cantor Fitzgerald ao longo dos nos 90 e, presentemente, investigador do U.S. Naval War College.

Ao longo dos anos 90, o Departamento de Defesa insistiu na classificação das suas operações militares entre “Guerra” e “Outras operações além de guerra”, com absoluta prevalência da primeira, perpetuando-se o *mindset* de confrontação bipolar. Independentemente das evidências de uma década em que os Estados Unidos actuaram como

1 Fukuyama, Francis, *The End of History and the Last Man*, New York, Harper Perennial, 1993.

2 Huntington, Samuel, *O Choque de Civilizações: e a Mudança na Ordem Mundial*, Lisboa, Gradiva, 2001.

“bombeiro mundial” em conflitos subterrâneos e circunscritos, as directivas de Defesa da Administração Clinton foram consistentes na tentativa de substituição da União Soviética como competidor hostil directo, tanto pelo cenário de “Dois Grandes Conflitos Regionais Simultâneos” como, após a crise do Estreito de Taiwan de 1995, pela China.

Compreendido por Thomas Barnett como “um convite da História” à final superação da indefinição dos anos 90, apenas o 11 de Setembro obrigaria o planeamento estratégico americano à final instauração de “novas regras de jogo” para um quotidiano de “confronto bélico assimétrico” entre uma potência hegemónica e redes transnacionais subterrâneas adversas à globalização. O 11 de Setembro lançaria, igualmente, Thomas Barnett da obscuridade dos corredores de Washington para a frente do debate académico militar. Referenciado pela revista *Esquire*, em 2002, como “o Estratega” entre os *Best and Brightest*³, o seu artigo de 2003 sobre o “Novo Mapa do Pentágono”⁴, agora expandido em livro assinalaria a correlação obrigatória entre a globalização e a segurança global. Nesta obra que procura traçar a estratégia para um “Segundo Século Americano”, o mundo é compreendido segundo um paralelo binário que divide o “Núcleo Funcional” da “Falha Não-Integrada” ou “Gap”.

Ecoando Thomas Friedman⁵ ou Van Creveld⁶, o “Núcleo” corresponde ao mundo globalizado compreendido pelos beneficiários de três vagas de globalização sucedâneas no século XX, todo o Ocidente e os mais recentes membros da comunidade global, como o Brasil, a Argentina, o Chile, a Rússia, a Índia e a China. À margem da ordem funcional do “Núcleo”, parte do Continente Sul-Americano, a África, o Médio Oriente e o Sudoeste Asiático constituíram a “Gap”, reprodução fidedigna do Estado de Natureza de Hobbes e desconectada da *ongoing* integração global de capitais e de arquétipos políticos. Entre os dois quadrantes jaz o grau de conectividade global como variante de definição, correspondendo, quase na totalidade, a “Gap” ao teatro militar expedicionário americano na década de 90.

Reproduzindo Noman Angell, cuja obra *A Grande Ilusão* (1909), postulava a impossibilidade de guerra face ao grau de conectividade global entre os Estados Ocidentais, também Thomas Barnett escolhe ignorar as advertências de John Mearsheimer⁷ e de

3 *Esquire*, Edição Especial, 2002.

4 Barnett, Thomas P.M., “The Pentagon’s New Map”, *Esquire*, Março de 2003.

5 Friedman, Thomas L., *The Lexus and the Olive Tree*, London, Anchor, 2000.

6 Van Creveld, Martin, *The Transformation of War*, New York, Free Press, 1991.

7 Mearsheimer, John J., *The Tragedy of Great Power Politics*, New York, Norton & Company, 2003.

Dennis Ross⁸ face à China enquanto potência militar regional e admite que a contemporânea incursão da China no mercado global refreará as suas vocações potestativas. Segundo o autor, o real inimigo encontra-se na desconexão real da periferia face ao “Núcleo” integrado. Daí que o esforço global para uma idílica paz Kantiana passará pela eliminação da “Gap”.

Algures entre a “Nação indispensável” de Madeleine Albright e a “*hyperpuissance*” de Hubert Védrine, cumprirá aos Estados Unidos a responsabilidade de integração regional. Apenas a sua incontestada hegemonia militar poderá patrocinar a inclusão final da “Gap” num mundo globalizado e ostracizar aqueles que, como a al Qaeda, procuraram a instauração de um “apartheid civilizacional”. Não é estranha à Estratégia de Segurança Nacional de 2002 a invocação Jeffersoniana do objectivo de “extensão da paz pelo encorajar de sociedades livres e abertas em todos os continentes”⁹. Tal como a Administração Bush apresentou a intervenção no Iraque como paradigma de uma sequência de “*shock and wave*” regional, também Barnett inscreve o Iraque como o “Big Bang regional” ou o “campo de batalha pela alma da região”. No entanto, o autor parece ultrapassar as evidências no terreno Iraquiano.

Apenas mediante uma reconsideração “horizontal” das suas responsabilidades estratégicas e dos seus futuros teatros operacionais, poderá o poder militar americano sustentar uma demanda global pela conectividade. Daí que o autor proponha uma reconversão dual das forças armadas americanas entre uma força convencional preparada para a disposição rápida e para um desfecho bélico sucinto, e uma força militar e civil orientada por *Nation Building*, os “Administradores de Sistema”. Estes, assegurariam a conexão futura do Estado periférico face ao “Núcleo”, apenas se retirando “quando todos os vidros partidos estiverem reparados” e abrindo um contexto securitário propício à entrada de investimento directo estrangeiro.

Ainda que Thomas Barnett pareça tentar responder ao apelo de Robert Cooper¹⁰ face à necessidade de uma base moral para o exercício da força militar e procure enfatizar a absoluta originalidade do argumento, o seu discurso em *The Pentagon's New Map* obriga a paralelos óbvios com outras expressões de um “Wilsonianismo musculado”. Para além do “realismo democrático” de Charles Krauthammer¹¹ ou da premissa de

8 Ross, Robert, “Assessing the China Threat”, *The National Interest*, Number 81, Fall 2005.

9 *The National Security Strategy*, 2002, p.iv – disponível em www.whitehouse.gov.

10 Cooper, Robert, “Imperial Liberalism”, Number 79, Spring 2005.

11 Krauthammer, Charles, “In Defense of Democratic Realism”, *The National Interest*, Number 77, Fall 2004.

disseminação democrática de Natan Sharansky¹², também Richard Haass¹³ tem vindo a advogar a necessidade de uma “doutrina de integração” que passe pela globalização de perspectivas. A originalidade de Thomas Barnett remete-se, assim, para a sua adopção parcial de estruturas marxistas de concepção holística, tal como a *World Systems Theory* de Wallerstein, na consideração de uma correlação entre segurança global e globalização. Ainda assim, seria profícuo notar que, apesar de grande parte da obra incidir na denúncia das concepções estratégicas dos anos 90 que assentavam em cenário binários, o próprio autor tenha adoptado uma concepção binária (“Núcleo”/“Gap”) na exposição do seu exercício de cartografia geopolítica.

12 Sharansky, Natan, *The Case for Democracy*, New York, PublicAffairs, 2004.

13 Por exemplo, em: Haass, Richard, *The Opportunity: America's Moment to Alter History's Course*, New York, PublicAffairs, 2005.